

abandonando o seguro caminho da história. Com o método que adoptou nunca podia chegar a resultados científicos. Por isso é que o opúsculo está cheio de afirmações discutíveis e de sugestões erradas. O caderno que a «Editora Argo», numa hora infeliz resolveu traduzir, é uma divagação sobre hipóteses, uma espécie de metafísica da origem da penalidade. ¿Será a vingança a fonte última do castigo? ¿Será a pena a reacção de um sentimento colectivo? ¿Resultará a penalidade em parte da vingança, em parte do poder disciplinar da família? ¿Será a penalidade um acto religioso de carácter expiatório? Eis o transcendente problema que o Autor estudou, partindo da ideia de que, como «questão psicológica», é um problema que «só psicologicamente pode ser resolvido» (pág. 21). O valor das conclusões a que chega adivinha-se, sabendo-se que girou no círculo fechado da análise psicológica de uma série de princípios hipotéticos, à margem da história. — (L. T.).

## o d e x t r i s m o

ERNESTO GAUPP

(Colecção «Mosaico da Cultura»  
«Editora Argos», Lisboa, 1941)

Neste livrinho da «Argo» o A. ocupa-se dum assunto que não deixa de ser curioso: porque somos dextristas? Porque nos utilizamos da mão direita com mais desenvoltura do que da esquerda? — Todas as explicações que cita e refuta, e a própria explicação que admite, pecam por um erro grave de raiz: o seu exclusivismo. Nós não somos dextristas por uma causa A, ou uma causa B, ou uma causa C; somo-lo por várias causas A, B, C, ... intercondicionadas. Alguns mestres atribuem o dextrismo a causas extrínsecas ao organismo; outros a causas intrínsecas. Os primeiros só devem

ter uma pequena parte de razão, e parece fóra de dúvida que o dextrismo, particularidade funcional, é consequência duma particularidade orgânica. Maior peso do corpo do lado direito, como querem uns? Maior nutrição do braço direito, como querem outros? especial disposição do hemisfério cerebral esquerdo condicionada por uma melhor irrigação deste lado, como quere o A.? — Como o próprio A. o admite, o *primum movens* encontra-se no facto de o homem ter passado da posição horizontal à vertical, tendo por consequência o desvio do coração e dos vasos, ficando o hemisfério esquerdo em melhores condições de nutrição. Mas as consequências daquele facto foram múltiplas e não podemos atribuir o dextrismo a uma só dessas consequências, mas a muitas, a todas. — (R.).

## a luta com a selva

GUSTAVO V. ZAHN

(Colecção «Mosaico da Cultura»  
«Editora Argos», Lisboa, 1941)

Depois de indicar os principais tipos de florestas e selvas espalhadas pelo mundo, afluindo a descrição das mais características — as tropicais —, o A. põe em relevo um facto paradoxal, mas ao que parece, bem real: a selva é paupérrima em condições de vida para o homem e para os próprios animais, e nalgumas pode-se quasi morrer de fome. O homem luta com a selva por todos os meios ao seu alcance, e se não consegue dominá-la, consegue, pelo menos tirar proveito dela. A maneira como esta luta se realiza é o tema principal deste livrinho. E o A. termina fazendo salientar o papel prejudicial que a selva desempenha no caminhar do progresso. Não é desprevido de interesse, este caderno da «Argo», mas dum interesse muito limitado. — (J.).

### (CONCLUSÃO DA PÁGINA 43)

também tem as suas leis cujo conhecimento seria de exigir a quem quer que não se contente com utilizá-lo no estado bruto e espontâneo. Representa isto todo um con-

junto de investigações que a prática vem enxertar sobre as, necessariamente limitadas, que a experiência teórica já realizava.

H E N R Y W A L L O N

